

# A Semântica e a Classificação Decimal Universal

Abigail de Oliveira Carvalho  
Universidade Federal de Minas Gerais

Maria Beatriz Pontes de Carvalho  
Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação

## RESUMO

*A Semântica atingiu um estágio de desenvolvimento que exige uma classificação bibliográfica adequada para os documentos a ela dedicados. Diversos conceitos são apresentados para deles extrair-se termos que poderiam constar em tal classificação. Uma análise dos termos referentes à Semântica na Edição Desenvolvida da Classe 8 da CDU em português mostra diversos equívocos. Pode-se afirmar que a CDU não acompanhou o desenvolvimento das pesquisas lingüísticas.*

## 1. INTRODUÇÃO

O desenvolvimento de pesquisas na automação da informação documentária tem levado os cientistas da informação a aproximar-se dos estudos lingüísticos, e particularmente, semânticos, como consequência da necessidade de se analisar o conteúdo de textos para deles se extrair elementos que permitam sua eficaz recuperação.

Além disso, os estudos semânticos, por si só, têm uma importância óbvia, pois os significados das palavras são vitais para o processo da comunicação humana: é através deles que o homem entende e é entendido. Essa importância se reflete na maneira como os estudos semânticos se insinuam em quase todas as áreas da Linguística, chegando até a ultrapassá-la para interessar a Psicologia, a Sociologia, a Lógica.

O desenvolvimento da Semântica, como sói acontecer em todas as ciências, tem provocado um aumento no número de documentos que dela tratam; verifica-se então a necessidade de sua situação adequada no universo do conhecimento em termos de organização de documentos para seu registro e recuperação, isto é, em termos de classificação bibliográfica.

Estas são as razões pelas quais, dentre as diversas áreas da Linguística, a Semântica foi escolhida para

o presente estudo, isto é, ela adquiriu um *status* que está exigindo uma classificação correta para os inúmeros documentos a ela dedicados e que merecem ser tratados adequadamente, seja de forma tradicional nas bibliotecas, seja em processos automáticos sofisticados.

Tendo sido publicada, neste ano de 1975, a Edição Desenvolvida em Língua Portuguesa da Classificação Decimal Universal (CDU) referente à Classe 8-Filologia e Literatura, atualizada até 1973 (9:3)\*, e considerando que a Federação Internacional de Documentação (FID) está desenvolvendo um intenso programa de modernização da CDU, parece justificável a presente tentativa de examinar a posição da Semântica nesta classificação. Pretende-se mostrar que a atual edição desenvolvida não reflete o estágio em que se encontra a Semântica como um campo do conhecimento humano, bem como sugerir alguns elementos que deveriam nela constar. Entretanto, deve-se ter sempre em mente que uma classificação perfeita de qualquer área do conhecimento jamais será possível, devido à crescente interdisciplinaridade das ciências e às divergências teóricas existentes no interior delas.

Estas dificuldades para a elaboração de um sistema de classificação se acentuam quando a ciência a ser focalizada é relativamente nova, como é o caso da linguística, que começou a desenvolver-se praticamente a partir do século XIX. Neste caso, as teorias, os conceitos, as leis e os métodos da nova ciência ainda não foram amadurecidos, e qualquer classificação permanecerá provisória até que pelo menos suas bases tenham sido definidas, a partir

\* O primeiro número remete à referência correspondente na Bibliografia; o segundo indica a(s) página(s) do documento onde se encontra a citação.

das quais haverá desenvolvimentos e **modificações** nascidos de novas descobertas.

Para atingir o propósito deste estudo, considerou-se indispensável apresentar uma série de conceitos, idéias, correntes, etc., que visam a: a) justificar a importância da Semântica dentro dos estudos linguísticos como merecedora de uma classificação adequada; b) mostrar o estágio alcançado pelas pesquisas semânticas até nossos dias, com o mesmo fito; c) servir de suporte à afirmativa de que a Classe 8 da CDU não satisfaz a necessidade de classificar os documentos existentes dedicados à Semântica; d) descrever as inúmeras divergências nas teorias semânticas, tanto conceituais como terminológicas, que levam à dificuldade de elaboração de uma classificação que satisfaça as diversas correntes linguísticas; e e) extrair das teorias semânticas aqueles elementos que se revelam constantes e que, portanto, deveriam ser considerados na elaboração de uma classificação relativamente satisfatória.

Assim, o conteúdo deste estudo está dividido em duas partes; a primeira é dedicada a discussões sobre as teorias semânticas, e é apresentada de forma extensa, uma vez que estamos nos dirigindo mais a especialistas da área da Ciência da Informação do que a linguistas; a segunda consiste em uma crítica à atual Classe 8 da CDU, para a qual foi tomada como fonte terminológica o *Dictionnaire de Linguistique Larousse* (7). Ambas levam a sugestões quanto a termos que devem constar numa classificação para garantir à Semântica o lugar que, a nosso ver, lhe é devido.

## 2. CONCEITUAÇÃO DE SEMÂNTICA

A palavra *Semântica*, de origem grega, é cognata do verbo “*semáino*” (sinalizar) e dos nomes “*sêma*” e “*seméion*” (sinal). Foi criada por Michel Bréal (*Essai de sémantique, science des significations*, Paris, 1904), a partir de “*Semantiké tēchné*”, ciência das significações.

No século XIX, os estudos sobre as significações das palavras chamavam-se *semasiologia*. Ao substituir esta palavra por *semântica*, Bréal renovou e enriqueceu seu conceito, pois propôs que esses estudos constituíssem uma ciência, cujo objeto seria o estudo da significação das palavras, as mudanças destas significações e suas causas, e o estabelecimento das leis que presidem as transformações das significações.

A partir daí, torna-se semântico tudo o que se refere à significação de um signo de comunicação, o que acarreta a existência de três categorias principais de problemas semânticos:

### a) problemas psicológicos

São os problemas estudados pela Psicologia, e que tentam solucionar questões do tipo:

- por que e como nos comunicamos?
- o que ocorre em nossa mente e na mente de nosso interlocutor quando nos comunicamos?
- qual é o mecanismo psíquico nessa operação de comunicação? etc.

### b) problemas lógicos

São os problemas estudados pela **Lógica**, e que tentam solucionar questões do tipo:

- quais são as relações do signo com a realidade?
- em que condições um signo é aplicável a um objeto ou a uma situação que ele tem a função de significar?
- quais são as regras que garantem uma verdadeira significação?

### c) problemas linguísticos

São os problemas estudados pela Linguística, e que tentam solucionar questões do tipo:

- que é uma palavra?
- quais são as relações entre a forma e a significação de uma palavra?
- quais as relações entre as palavras? etc.

Estes três tipos de problemas deram origem a três **tipos** de Semântica:

- a) Semântica geral — que é uma **psico-sociologia** do signo;
- b) Semântica filosófica — que faz parte da **lógica simbólica**;
- c) Semântica linguística — que é a **semântica** por excelência, estudando as palavras no interior das línguas humanas.

Estes três aspectos da Semântica são estreitamente interdependentes, superpondo-se incessantemente. Ora, sendo a língua um meio de comunicação, um instrumento que serve para transmitir ideias, seu interesse linguístico diz respeito a três elementos — sons, palavras e construções **sintáticas** — que se definem através de sua forma e de sua função. A Semântica estuda a função das palavras, isto é, a de transmitir um sentido, o que, mais uma vez, a toma uma parte da Linguística, que estuda todos os **signos** verbais (16:5-8).

Sendo a palavra um signo verbal, a Semântica tem uma relação **indireta** com o signo, e portanto com a Semiologia e Semiótica (ver seção 3.1 — *Conceitos relacionados com a Semântica*). Aliás, Mounin, desde o início, acha indispensável bem estabelecer as

## A SEMÂNTICA E A CLASSIFICAÇÃO DECIMAL UNIVERSAL

diferenças entre Semântica, Semiologia e Semiótica (23:151; 24:10).

A Semântica pode ser considerada o que **Greimas** chamou de "parente pobre" da Linguística por diversos motivos. Em primeiro lugar, ela apareceu muito tardiamente como tal (**Bréal**, 1904), tendo sido precedida pela Fonética e pela Gramática no quadro do desenvolvimento da Linguística histórica. Em segundo lugar, a **dificuldade** em especificar as unidades constitutivas de seu objeto no meio de uma grande profusão **terminológica** (sememas, **semantemas**, etc.) levou-a a ser considerada apenas como uma disciplina em busca de si mesma (13:6-7).

Em terceiro lugar, havia uma certa dificuldade em dar à Semântica um aspecto puramente linguístico, uma vez que é através da função semântica que a língua se relaciona com as outras **atividades** do homem, e os problemas de significação na comunicação humana estavam voltados para a psicologia e para a filosofia (2:156).

Os métodos linguísticos anteriores não tomaram em consideração o significado das palavras, principalmente quando **Bloomfield** (1933) afirmou que a descrição linguística deveria ser feita a partir das formas e não dos significados.

Entretanto, com o tempo, verificou-se a necessidade de formalizar componentes semânticos para se explicar a habilidade do indivíduo falante em interpretar a significação das orações gramaticais da língua.

Portanto, até muito recentemente (**1965**), a Semântica não era considerada uma parte sistemática da Linguística. Em **1964**, foi feita a primeira tentativa para isto, quando **Katz e Fodor** afirmaram que os processos **sintáticos** da gramática gerativa de **Chomsky** poderiam fornecer a base para um componente semântico, que não só atribuiria uma **interpretação** semântica a cada sentença mas ainda marcaria as cadeias que não pudessem ser lidas, considerando-as semanticamente **anômalas**.

Em 1965, Chomsky passou a incluir a semântica nos estudos linguísticos, mostrando que o componente *estrutura da frase* pode ser simplificado ao se adotar uma análise fonológica e semântica. Portanto, a teoria **semântica** deve dar conta das regras gerais que condicionam a interpretação semântica dos enunciados.

A partir daí, a Semântica constituiu-se, definitivamente, como um campo de estudos dentro da Linguística, com funções, inclusive, muito mais amplas do que as contidas no conceito de **Bréal**, mencionado acima (21:158).

Resta, ainda, considerar um aspecto que está ligado ao conceito de Bréal, que inclui mudanças no sentido das palavras e suas causas. **Adolf Noreen**, citado

por Cabral (2:155), diz que há um estudo sincrônico e um estudo **diacrônico** do significado. Ora, ao estudar as mudanças e a evolução da significação das palavras no tempo, o problema não é mais "o que significa a palavra e qual é a sua função", mas "como ela foi criada e o que lhe aconteceu em seguida". Trata-se então de um problema etimológico e não mais semântico (15:135). Assim, a Semântica moderna é essencialmente **sincrônica**, e não lhe interessa qual significação uma palavra tinha num dado momento histórico.

### 3. CONCEITOS BÁSICOS

A terminologia em Linguística é rica — há cada vez maior número de termos, e é confusa — os conteúdos significativos variam de um linguista para outro. Não há uniformidade ou coerência no uso dos termos. As conclusões apresentadas ao final deste estudo partiram da conceituação de termos relacionados proximamente com Semântica e de termos que são tratados como elementos básicos para a compreensão de Semântica como campo de conhecimento. O que se chamou de *elementos de estudos semânticos* são os termos mais significativos, as **palavras-chave** mais encontradas nos documentos sobre Semântica. O levantamento das definições baseou-se em bibliografia expressiva, tanto clássica como **atual**; algumas das divergências entre os autores são indicadas.

#### 3.1 Conceitos relacionados com a Semântica

Desde Saussure, a Linguística define a **LÍNGUA** como um sistema de signos, uma estrutura. Estuda-se a estrutura a partir de um **corpus**; esse estudo leva a uma classificação, a uma taxinomia, aos elementos do sistema.

Saussure distingue **LÍNGUA** e **FALA**. Considera a língua como um sistema de relações ou como um conjunto de sistemas ligados uns aos outros, cujos elementos (sons, palavras) não têm nenhum valor independentemente das relações de equivalência e de oposição que os ligam. Cada língua apresenta esse sistema gramatical implícito comum ao conjunto dos locutores. Esse sistema é chamado por Saussure, língua, enquanto o que provém das variações individuais, é a fala.

A língua não se confunde com a **linguagem**: é uma parte determinada e essencial da linguagem. A **LINGUAGEM**, propriedade comum a todos os homens, compõe-se de língua e fala. **LÍNGUA** é linguagem menos fala. É autônoma. "É ao mesmo tempo um **produto** social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social para permitir

o exercício dessa faculdade entre os indivíduos" (24:25). A FALA é o componente individual da linguagem, como um ato de vontade e de inteligência (27:30). Partindo da fala, da **atualização** concreta e particular, caminha o linguista para a língua, o sistema **abstrato** e **coletivo**.

Lourenço de Oliveira inverte a ordem do **binômio saussuriano** em "fala língua" — ordem indicadora do valor secundário e instrumental da língua — e assim redefine esses termos: "*Linguagem* é a capacidade fônica de exprimir-se, que Primo\* tem, **como um dom**; *fala* é a expressão de Primo, uma **função da Linguagem**; e *língua* é o patrimônio expressivo, uma sedimentação filtrada em Secundo\* a partir das falas de **Primo**; no sentido comum, temos ainda as "línguas" — **modalizações** da língua do indivíduo (língua de Primo) ou no grupo étnico (língua de um povo). A linguagem cria a fala, que gera a língua, que serve à fala (25:129).

Saussure (27:33) considera a língua uma instituição social, o mais importante dos sistemas de signos que exprimem ideias. Lourenço de Oliveira (25:128) afirma que "a fala é que é social e a língua é que é **individual**; social é o homem, com seu ato de comunicação, ato de fala, que gera o fato da língua, uma sedimentação no espírito de Secundo, criando um estado **intra-individual**; o conceito de **intra-individualidade** nega o de **socialidade**. Isso não implica negar que a língua seja um produto social, pois nasce de um ato social e é uma recoleção de valores sociais".

Para Saussure, a SEMIOLOGIA seria a ciência que "estuda a vida dos signos no seio da vida social". Faria parte da Psicologia Social e conseqüentemente da Psicologia Geral. Metodologicamente, a Linguística dependeria da Semiologia — as leis que ela descobrisse seriam aplicáveis à Linguística. A tarefa do linguista seria a de definir o que torna a língua um sistema especial no conjunto dos fatos semiológicos.

A Semiologia não é reconhecida como ciência autônoma já que a língua é mais adequada para fazer compreender a natureza do problema semiológico. Para se entender o que seja a língua é preciso estudá-la convenientemente, o que ainda não se fizera à época de Saussure.

Vê-se, pois, que a Linguística dependeria de uma futura ciência, a Semiologia, cujo objeto seria da mesma ordem que o da Linguística — teoria dos signos. Ao mesmo tempo, já que a língua é o sistema mais complexo, mais usado (embora apenas um sistema particular), a Linguística tornar-se-ia o padrão

geral da Semiologia.

Saussure conclui (27:35): "Se se quer descobrir a verdadeira natureza da língua é necessário toma-la primeiro no que ela tem de comum com todos os outros sistemas da mesma ordem; e fatores linguísticos que aparecem como muito importantes à primeira vista (por exemplo, o funcionamento do aparelho vocal) não devem ser considerados em segundo plano se só servem para distinguir a língua dos outros sistemas. Com isto não se esclareceria apenas o problema linguístico, mas pensamos que, considerando os ritos, costumes, etc. como signos, estes fatos aparecerão sob outra luz e se sentirá a necessidade de grupá-los na Semiologia e de explicá-los pelas leis desta ciência."

**R. Barthes** considera difícil conceber um sistema de imagens ou objetos cujos significados pudessem existir fora da linguagem. Nesse caso, Semiologia seria parte da Linguística.

Semiologia e Semiótica são conceitos muito próximos principalmente se se define Semiologia como a ciência das grandes unidades **significantes** do discurso.

A SEMIÓTICA (7:434) retomou o projeto da Semiologia de Saussure. Seu objeto, entretanto, embora sendo o estudo da vida dos signos no seio da vida social, visa a uma teoria geral de modos de significar. É também chamada SEMÂNTICA LÓGICA, desenvolvida pelos lógicos do círculo de Viena.

**Peirce**, citado por Todorov (30:26), chama Semiótica "o estudo da natureza e das variedades fundamentais das semioses possíveis". A Semiótica estuda as práticas significantes, tomando por campo o texto. Peirce (17:261) divide a Semiótica em três níveis distintos:

**Sintático** — signos e suas relações com outros signos;

**Semântico** — signos e suas relações com o mundo exterior (designação); e

**Pragmático** — signo e suas relações com os usuários. Esses três níveis se referem a regras que não dependem dos conhecimentos dos usuários.

A Semiótica propõe um método que abranja o discurso e não só a frase. A Linguística se atém ao mecanismo **frasal**.

### 3.2 Elementos de estudos semânticos - Terminologia

"A SIGNIFICAÇÃO é um processo que associa um objeto, um ser, uma noção, um acontecimento a um signo capaz de evocá-los; uma nuvem é signo de chuva, um franzir de sobrelhas, signo de perplexidade, o latido do cachorro, signo de cólera, a palavra "cavalo", sinal de animal" (16:11). A partir de Saussure, o SIGNO LINGUÍSTICO constituiu-se

\* Primo e Secundo: interlocutores

em unidade de língua, a unidade mínima da frase. "O signo linguístico não une uma coisa e um nome, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta última não é o som material, coisa puramente física, mas a marca psíquica deste som, a representação que nos dá o testemunho de nossos sentidos" (27:98). O signo é um elo, uma relação. SIGNIFICADO corresponde a conceito e SIGNIFICANTE a imagem acústica. Logo, signo é o resultante total da associação de um **significante** a um significado. Segundo Saussure, o signo possui determinadas características. É **ARBITRÁRIO**, isto é, o elo que une um significante e significado é arbitrário. Arbitrário significa **MOTIVADO**; a arbitrariedade existe em relação ao significado, com o qual não há nenhuma ligação natural na realidade. Em relação à comunidade linguística que o emprega, não é livre, é imposto. A língua, por ser um sistema de **comunicação**, funciona através de um código baseado num sistema de signos, signos esses convencionais, comuns a um grande número de falantes. O **significante** tem **caráter linear**. Por ser de natureza auditiva, desenrola-se **temporalmente** e tem características que toma emprestadas ao tempo: a) representa uma extensão; b) essa extensão é mensurável numa única dimensão: é uma linha. Em oposição aos **significantes** visuais que se organizam simultaneamente, em várias dimensões, os **significantes** acústicos só dispõem da linha **temporal**; seus elementos se apresentam um depois do outro e formam uma cadeia. Há dois tipos de signos (16:13): **NATURAIS** — relações existentes na natureza entre os fenômenos; **ARTIFICIAIS** — fabricados pelo homem para **REPRESENTAÇÃO** do real (imagens, ícones) ou para **COMUNICAÇÃO** (signos convencionais, símbolos). Não existe uma delimitação rígida entre os signos artificiais pois nas artes, que constituem um exemplo de signos artificiais de representação, há também uma parte de **simbolização** e de convenção. **Guiraud** (16:28) define **SIGNO LINGUISTICO** como uma **associação** de duas imagens mentais, uma forma acústica **significante** e um conceito **significado** ou **sentido**. A associação é um processo **psíquico**, bipolar e recíproco — o significado evoca o sentido e vice-versa. A associação é convencional, resulta de um acordo entre os usuários e a língua. **REPRESENTAÇÃO** é o aparecimento de uma imagem mental no usuário dos signos. Os linguistas americanos da escola de **Bloomfield** reduziram o signo a um sinal, constituinte do código de sinais que é a língua, considerada como um sistema de comunicação. Os signos desse código linguístico são os fonemas. O sinal provoca reações mas não

comporta relação de significação. **SÍMBOLO**, para **Saussure**, designa "o signo linguístico ou mais **exatamente** o que chamamos **significante**". Caracteriza-se por não ser nunca **completamente** arbitrário; não é vazio, há um rudimento de elo natural entre o significante e o significado. O símbolo da justiça, a balança, não poderia ser substituído por outra coisa qualquer, um carro, por exemplo (27:101). **SIMBOLIZAÇÃO** é uma associação mais ou menos estável entre duas unidades do mesmo nível, isto é, dois significantes ou dois significados (8:134). Nos signos, os elementos em relação são de natureza diferente, no símbolo são homogêneos. O **simbolizante** e, às vezes, o simbolizado, existem independentemente. A possibilidade de designar os objetos que constituem a realidade **extra-linguística** chama-se **FUNÇÃO REFERENCIAL** da linguagem. Os objetos designados por uma expressão formam seu **REFERENTE**. As palavras se referem a coisas e não significam coisas. A relação que se mantém entre palavras e coisas (seus referentes) é uma relação de **REFERÊNCIA**. **Oswald Ducrot** (8:317) mostra que "esta realidade não é necessariamente a realidade, o mundo. As línguas naturais têm o poder de construir o universo ao qual elas se referem; elas podem pois criar um universo de discurso imaginário." **Frege**, citado por **Todorov** (29:8), distingue três aspectos na significação de uma **palavra**: **Referência** — o que a palavra quer dizer **Sentido** — como a palavra formula sua significação **Imagem associada** — feita pelo usuário, subjetiva A distinção entre a imagem associada e sentido desapareceu em **Hjelmslev**, que, retomando **J.S. Mill**, chamou imagem e sentido de **conotação**. **CONOTAÇÃO** designa toda significação que não é referencial. A relação de referência é chamada **DENOTAÇÃO**. Os Linguistas estão mais ou menos de acordo em que devem estudar unicamente o sentido. Na prática, entretanto, sentido e referência se confundem. Na terminologia de **Carnap**, **SENTIDO** e **REFERÊNCIA** equivalem a **INTENSÃO** e **EXTENSÃO**. **Lyons** (20:440) entende por **SENTIDO** de uma palavra "o lugar que esta palavra ocupa em um sistema de relações que ela mesma estabelece com outras palavras do vocabulário. Deve observar-se que, desde o momento em que se tem de definir o sentido em virtude das relações que apresentam entre si os dados do **vocabulário**, esta noção não contém pressuposições acerca da existência de objetos e propriedades fora do vocabulário da língua em questão." **POLISSEMIA** — **faculdade**, que tem a palavra de possuir vários sentidos.

**SINONÍMIA** — coincidência ou equivalência de sentidos entre duas ou mais palavras, ditas sinónimas.

#### 4. PESQUISAS EM SEMÂNTICA

O desenvolvimento dos estudos da Semântica permite a identificação de correntes teóricas. Às pesquisas têm sido agrupadas, pêlos especialistas da área, sob denominações já bastante aceitas apesar das divergências quanto ao enquadramento de um ou outro tipo de estudo.

As pesquisas semânticas buscam descrever conjuntos lexicais através de um sistema de traços de significação elementar. Como semântica descritiva, buscam uma definição sincrônica e estrutural da significação. Pretendem, a partir da noção de "campo", chegar à noção de estruturas profundas e mais gerais que se integrem num sistema.

Os vários tipos de análises semânticas pertencem, pois, à corrente estruturalista. Apenas a chamada análise combinatória se constitui numa tentativa de criação de teoria semântica dentro dos princípios da Gramática Gerativa Transformacional.

##### 4.1 *Campo linguístico, campo semântico*

Pierre Guiraud considera a noção de campo linguístico, definida pelo linguista alemão Trier em "Der deutsche Wortschatz im Sinnberzirik des Verstandes" (Heidelberg, 1931) como a grande revolução da semântica moderna. Trier "estuda as palavras com relação ao setor conceitual do entendimento e mostra que elas constituem um conjunto estruturado no interior do qual cada uma está sob a dependência das outras". "Nossos conceitos recobrem todo o campo do real sem deixar vazios ou se sobrepõem uns aos outros como as peças de um quebra-cabeça. Toda alteração nos limites de um conceito acarreta uma modificação nos conceitos vizinhos e conseqüentemente nas palavras que os exprimem" (16:77).

As críticas às definições de campo linguístico (ou campo semântico) de Trier deram origem a novas definições baseadas em novos critérios. Dentre as críticas: a) o vocabulário do mundo físico e material é sempre confuso nos seus limites; b) a importância das mudanças fonéticas e semânticas que afetam a língua foi ignorada.

Os campos semânticos são conjuntos de lexemas, unidades nacionais de uma língua.

No enquadramento dos lexemas nos campos semânticos, parte-se dos elementos linguísticos e verifica-se o campo que criam com suas oposições e conexões (SEMASIOLOGIA). Ou então, estabelecem-se previamente certos campos de significação em função da vida

social e estudam-se os elementos linguísticos que nele se dispõem<sub>1</sub> (ONOMASIOLOGIA).

Para Lyons (20:442), os resultados obtidos nos estudos de campos semânticos confirmaram as ideias de estudiosos como Humboldt, Saussure e Sapir, de que os vocabulários de línguas distintas (em certos campos pelo menos) não são isomórficos: que em uma língua há distinções semânticas que não se encontram em outra e, além disso, que determinados campos podem categorizar-se de uma maneira totalmente distinta em línguas diferentes.

##### 4.2 *Análise distribucional*

"A ANÁLISE DISTRIBUCIONAL se originou da verificação empírica de que as partes de uma língua se encontram arbitrariamente umas em relação às outras; cada elemento se encontra em determinadas posições particulares em relação aos outros" (8:164). Essa análise supõe, pois, que no interior dos campos semânticos, os termos constitutivos têm relações precisas e formalizáveis.

Todorov (29:13) assim explica a tentativa de Apresjan para delimitar os campos semânticos. Esses campos são formados de palavras de uma classe gramatical que têm uma distribuição idêntica. Supõe-se que a significação das palavras seja determinada por suas propriedades gramaticais. Parte do princípio formulado por Harris segundo o qual dois morfemas que têm significações diferentes diferem também por algum lado em sua distribuição. Conclusões complementares: a) os morfemas com distribuições diferentes têm significações diferentes; b) os morfemas com distribuições idênticas têm significações idênticas (ou semelhantes).

Apresjan afirma: toda diferença semântica não se manifesta numa diferença sintática, mas a cada diferença sintática corresponde uma diferença semântica essencial. Aos críticos, responde que estuda não o sentido mas uma significação sintática. A análise distribucional é criticada pelo aspecto tautológico de raciocínio pelo qual se chega a um resultado em que as unidades reunidas na mesma classe, com base em suas combinações sintáticas, têm as mesmas possibilidades de combinações sintáticas. Trata-se de um método descritivo e indutivo, fase taxionômica da Linguística.

##### 4.3 *Análise componencial e sêmica*

Existem basicamente dois métodos para o estudo da significação das unidades de um campo semântico (29:15):

— o método analítico, pelo qual se decompõe a

significação de cada palavra em elementos simples;

- o método sintético, em que certas unidades são consideradas como elementos de base e através de operações lógicas **obtêm-se** as definições de todas as unidades incluídas (esse é o método praticado por equipes de **tradução automática**).

O método analítico partiu da análise fonológica com traços distintivos. Chama-se ANÁLISE **COMPONENCIAL** para os antropólogos americanos, ANÁLISE SÊMICA para M. Joos, Greimas, ANÁLISE EM FATORES SEMÂNTICOS para Apresjan, Ivanov. Para Guiraud (16:98) essa nova Semântica tem por objeto reconstruir o "Sistema de significação", assim como a Fonologia constrói o "sistema de sons". A análise **componencial** pretende estabelecer a configuração das unidades mínimas de significação dentro de uma unidade lexical morfema lexical ou palavra mas decompondo a palavra em semas. Esse é um procedimento usado em Linguística, em Lógica, em Filosofia. Liga-se ao método de **definição**, que se baseia na divisão em gênero e espécies e em espécie e subespécies. Esse é o problema de qualquer classificação ou taxionomia: reduzir conjuntos heteróclitos e sistemas de traços pertinentes. Obras como o **Roget's Thesaurus** basearam-se nesse método. Modernamente, há várias tentativas dos **semanticistas** de formalização desses princípios. Uma delas parte da pressuposição de que os componentes semânticos são independentes da língua ou são universais. Componentes semânticos é o que há de comum em distintos grupos de palavras; é também chamado de **diferenciador** semântico, categoria semântica, **semema**, **plerema**. Para Katz, citado por Lyons (20:487), "os **diferenciadores** semânticos (isto é, os componentes semânticos) devem ser concebidos como elementos teóricos introduzidos na teoria semântica para designar os componentes, invariantes de uma língua a outra, mas vinculados à língua de um sistema conceitual que faz parte da estrutura cognitiva da mente humana."

"A análise componencial nasceu da verificação feita por antropólogos americanos da inadequação dos conceitos, formados nas civilizações **indo-européias**, para a descrição das culturas ameríndias. Os procedimentos são pouco a pouco elaborados, mais preocupados com os campos conceituais do que com os campos linguísticos."

A ANÁLISE SÊMICA é assim apresentada pelo **Dictionnaire de Linguistique Larousse** (7:435): "Visa a estabelecer a composição semântica de uma unidade lexical pela consideração de traços semânticos ou sememas, unidades mínimas de **significação** não susceptíveis de realização independente."

Princípios da análise sêmica: a) a significação de

uma palavra não é uma unidade indivisível, mas composta; b) os mesmos átomos da significação (os mesmos semas) se encontram em toda a extensão do vocabulário.

Exemplos da utilização de métodos analíticos no estudo da significação das unidades de um campo **semântico**:

- Os trabalhos de J.C. **Gardin**; elaboração de um código para a descrição de monumentos para posterior uso de máquinas eletrônicas. Enunciado dos elementos constitutivos de cada monumento, considerado sob vários pontos de vista — morfológico, funcional, etc. — sem tentar dar um nome a qualquer combinação empírica desses elementos. Cada objeto é caracterizado por uma enumeração de atributos que seja útil às necessidades das pesquisas comparativas posteriores.
- Pottier é responsável por um trabalho, muito citado, em que analisa vários tipos de cadeiras (poltrona, sofá, carteira, etc.) e verifica que cada um pode ser definido a partir de seis traços pertinentes binários (com ou sem braços, para uma ou mais pessoas, etc.) É um sistema de descrição de significados análogos aos sistemas fonológicos de descrição do **significante**.
- **Mounin** fez a análise de dois campos semânticos: dos animais domésticos e das habitações.
- Greimas concebeu um sistema sêmico da "**espacialidade**".

Em relação a esse tipo de análise, alguns problemas se apresentam. O que se descreve são palavras ou coisas? O sistema criado é parte do léxico ou é conceitual? Essa descrição pode ser generalizada?

#### 4.4 *Análise combinatória*

Todorov (29:23) menciona, sob o título de ANÁLISE **COMBINATÓRIA**, a tentativa de Katz e Fodor de criação de uma teoria semântica de acordo com os princípios da Gramática Gerativa. Considera que esta teoria se aproxima em muitos pontos dos outros tipos de análise a que nos referimos mas que apresenta alguns traços originais. As categorias semânticas coincidem com os sememas mas seu objeto não é mais a descrição estática do vocabulário de uma língua, mas o funcionamento da linguagem sob seu aspecto semântico. No campo semântico propriamente dito, sua **novidade** consiste na importância dada ao processo de combinação, na formulação da categoria de "restrição **seletiva**".

Katz e Fodor propõem-se a construir um dicionário onde cada entrada é definida por indicadores **sintáticos**, indicadores semânticos e diferenciadores que determinam as restrições de seleção.

Todorov refere-se a uma nova hipótese relativa à

estrutura semântica da linguagem, proposta por Weinreich (1966). Nessa hipótese há duas ideias originais. A primeira trata das relações entre os *semas* no interior de um morfema e os morfemas no interior de uma frase. Katz e Fodor não estabelecem uma ordem nas relações destes elementos. Weinreich propõe vários tipos de relações, dos quais os principais são o encadeamento (*linking*) e o não encadeamento. A segunda ideia trata da relação entre os elementos gramaticais e os elementos semânticos de uma língua. Para Katz e Fodor, a semântica começa onde a sintaxe termina. Para Weinreich, as duas se processam *simultaneamente*.

#### 4.5 *Análise etimológica e análise estatística*

O capítulo de Pierre Guiraud (16:90) sobre semântica estrutural trata não só da *análise distribucional* e da *análise componencial*, como da análise etimológica e da análise estatística.

A ANÁLISE ETIMOLÓGICA baseia-se na ideia de que o conteúdo sêmico de uma palavra está em relação com o conteúdo de seu étimo.

A ANÁLISE ESTATÍSTICA é uma tentativa de dar uma definição quantitativa de "significação". O primeiro exemplo de estudos desse tipo se deve a Zipf, que chegou ao seguinte resultado:

A frequência de palavras num texto ou num conjunto de textos corresponde a distribuições estáveis.

#### 4.6 *Divergências na terminologia*

Observamos que Pierre Guiraud (16), sob o item ANÁLISE COMPONENCIAL, isto é, análise dos componentes sêmicos, refere-se aos trabalhos de Gardin (classificação de objetos arqueológicos), de B. Pottier (análise do sistema de cadeiras), de Mounin (campos semânticos de animais domésticos e habitações), de Katz e Fodor (construção do dicionário), de Greimas (semântica inspirada no modelo fonológico).

O Dictionnaire de Linguistique Larousse (7) contém um verbete para análise componencial e outro para análise sêmica. Os trabalhos de Gardin e de Pottier aparecem como exemplos de análise sêmica. Todorov, ao se referir à análise componencial e à análise sêmica, afirma que a primeira é a denominação usada pelos antropólogos americanos, e a segunda por Joos e Greimas.

Ducrot, no Dictionnaire Encyclopédique que publicou em co-autoria com Todorov (8), diz que a pesquisa das unidades semânticas mínimas, também chamadas figuras de conteúdo, semas ou traços semânticos, chama-se análise sêmica ou ainda análise componencial. Esse tipo de análise é tratado como

um aperfeiçoamento do método mais antigo dos campos semânticos.

Todorov (29) destaca em subtítulo análise combinatória os estudos de Katz e Fodor e os estudos de Weinreich. Considera que são *trabalhos* que, embora tenham muito em comum com a análise componencial ou sêmica, delas se distinguem pela abordagem *transformacional*.

Ducrot refere-se a esses trabalhos como sendo tentativas recentes de constituir combinatória semântica, que ele explica como sendo cálculo de significação dos enunciados a partir de sua sintaxe.

#### 5. A CDU E SUA CLASSE 8

Até 1964, a CDU dividia os assuntos referentes a língua em duas classes: 4 — Filologia, e 8 — Literatura. Naquele ano, a Comissão Central de Classificação da FID (FID/CCC) resolveu reunir as duas classes, colocando na Classe 8 os assuntos referentes a Filologia e a Literatura. A Classe 4 permanece *vaga* até hoje. Um exame superficial da Classe 8 da CDU mostra que pouca atenção foi dada às correntes teóricas da Linguística. O índice menciona (9:46):

Linguística  
compêndios  
fontes  
história  
livros didáticos  
metodologia

É evidente que estas subdivisões não são suficientes para classificar toda a literatura especializada que já existe no campo da Linguística.

Ocorre-nos que dois motivos podem ter ocasionado esta omissão:

- Os princípios da Linguística ainda não estão suficientemente solidificados, existindo muitas discordâncias em vários pontos fundamentais.
- Ao chamar a Classe 8 "Filologia e Literatura", a CDU não pretendeu dar ênfase à Linguística, tendo em vista que Filologia "é uma ciência histórica que tem por objeto o conhecimento das civilizações passadas através dos documentos escritos que elas nos legaram" (7:371), e que Literatura é "o conjunto de trabalhos literários dum país ou de uma época" e/ou a "arte de compor ou escrever trabalhos artísticos em prosa ou verso" (11:851). Portanto, a Linguística, que é a Ciência que estuda "todas as manifestações da linguagem humana" (27:20), e/ou, segundo Chomsky, a ciência que estuda um conjunto de regras que permitem ao falante gerar um número infinito de orações gramaticais (2:5), é bem diferente da Filologia e da Literatura.

Nenhum dos motivos acima justifica a quase não existência, em nossos dias, da Linguística moderna na Classe 8 da CDU. Esta Classe é evidentemente destinada à classificação de documentos cujo conteúdo trate de língua e linguagem, e portanto não deveria se omitir quanto a uma área do conhecimento que já é considerada por muitos uma ciência. Entretanto, a Classe 8 apresenta a notação 80, como sendo LINGUISTICA, FILOLOGIA, e 801 como LINGUISTICA GERAL E FILOLOGIA. Ora, estes dois termos não deveriam estar juntos, como se tratasse do mesmo assunto. Ocorre, que, confirmando o que foi dito acima, "linguística e filologia não são sinônimos, e as ciências com as quais elas estão em contacto são muito diferentes; esta distinção é recente na medida em que a linguística só se desenvolveu em fins do século XIX" (7:371). Pode-se concluir, portanto, que até 1973 — data das últimas "Extensions and Corrections" da CDU consideradas na edição em português — não havia sido reconhecida aquela distinção, existente desde o século passado e já caracterizada em meados do século em curso.

A notação 801 da Classe 8 — Linguística geral e Filologia, apresenta as seguintes subdivisões:

- 801.1 Ortografia
- 801.2 Partes da oração
- 801.3 Lexicologia
- 801.4 Fonética
- 801.5 Gramática**
- 801.6 Métrica
- 801.7 Ciências auxiliares da filologia
- 801.8 Fontes da filologia e da linguística
- 801.9 Vago

Através dos conceitos apresentados anteriormente, podemos verificar que a Semântica assumiu razoável importância dentro da Linguística. Seria justificável, portanto, que ela aparecesse entre as categorias acima, que, por serem a primeira subdivisão de 801, indicam prioridade na hierarquia do assunto.

Nas demais subdivisões, a Semântica aparece da seguinte maneira:

- 801.5 Gramática
  - .54 Etimologia e semântica: **formação**, significado e evolução das palavras
  - .541 Regras etimológicas gerais
    - .2 Semântica. Mutações semânticas
    - .201 Regras gerais
      - .21 Significado comum e ocasional
      - .22 Isolamento
      - .23 Reação contra o isolamento. Analogia
      - .24 Contaminação. Contaminação semântica. Etimologia popular
      - .25 Formas de mutação semântica

- 801.541.250.1 Mutações semânticas em geral
  - .251 Metáfora
  - .252 **Metonímia**
  - .254 **Lítotes**
  - .256 **Sinédoque**
  - .258 Pleonasma
  - .259 Outras figuras: **anacoluto, elipse, silepse**

Vemos, portanto, que a Semântica propriamente dita ocupa a notação 801.541.2, isto é, a quarta posição hierárquica a partir de 801.

Examinemos agora sua subordinação à Gramática. Eis dois conceitos de gramática, um global e um específico (7:238):

- a) "a gramática é a descrição completa da língua, isto é, dos princípios de organização da língua. Ela comporta diferentes partes: uma fonologia (estudo dos fonemas e de suas regras de combinação), uma sintaxe (regras de combinação dos morfemas e dos **sintagmas**), uma lexicologia (estudo do léxico), e uma semântica (estudo das **significações** dos morfemas e de suas combinações)";
- b) "em linguística gerativa, a gramática de uma língua é o modelo da competência ideal que estabelece uma certa relação entre o som (representação fonética) e a significação (interpretação **semântica**)".

Entre as quatro definições existentes no *Dictionnaire de Linguistique Larousse*, optamos pela primeira porque é a mais abrangente e a única passível de justificar, em parte, a subordinação da Semântica à Gramática, como se vê na Classe 8. Optamos também pela definição da Gramática Gerativa porque ela é resultado de recentes pesquisas linguísticas; portanto é a mais **atual**, e já o era - desde 1957 (21:158) - por ocasião da última **atualização** da Classe 8 (1973).

As duas outras definições reduzem a Gramática à descrição de morfemas **gramaticais** e léxicos em uma, e apenas gramaticais na outra. Estas duas definições, portanto, **não** se referem a Semântica. A definição (a) inclui a Semântica dentro da Gramática, mas também inclui a Fonologia, a Sintaxe e a Lexicologia. Ora, Gramática na Classe 8 (801.5) inclui Sintaxe e Semântica, mas não inclui Fonologia e Lexicologia. Lexicologia está em 801.3, portanto, no mesmo nível hierárquico que Gramática; e Fonologia não existe como tal na Classe 8; 801.4 é Fonética (mesmo nível hierárquico de Gramática). Por conseguinte, através da definição (a), não se justificam os critérios da Classe 8 ao subordinar a Semântica à Gramática.

Examinemos agora a definição (b), complementando-a com os aspectos que **Chomsky** lhe deu: "a gramática

gera um conjunto de descrições estruturais que compreendem, cada uma, uma estrutura profunda, uma estrutura de superfície, uma interpretação semântica da estrutura profunda e uma representação fônica da estrutura de superfície" (7:238).

Ora, parece-nos bem claro que a Gramática gerativa não considera a Semântica como um campo de estudos (praticamente uma ciência) dentro de si, mas utiliza métodos semânticos como um instrumento para atingir seu objetivo **precípuo**, que é o de gerar frases corretas.

Fica constatado, portanto, que nenhuma das quatro definições de gramática aqui apresentadas explicam a subordinação de Semântica à Gramática, como se vê na Classe 8.

Analisemos, a seguir, a notação 801.54 — Etimologia e Semântica: **formação**, significação e evolução das palavras — e sua primeira subdivisão, 801.541 — Regras etimológicas gerais (às quais a Semântica está subordinada).

Tendo sido semântica conceituada na seção 2 deste trabalho, vejamos as diversas definições de Etimologia:

- i) "A Etimologia é a pesquisa das relações que uma palavra mantém com uma outra unidade mais antiga, que é a sua origem" (7:197);
- ii) "A Etimologia não é nem uma disciplina distinta nem uma parte da linguística evolutiva; é somente uma aplicação especial dos princípios relativos aos fatos sincrônicos e diacrônicos" (27:259).
- iii) "A Etimologia moderna é ... uma disciplina autônoma que tem por objeto o estudo da formação das palavras, isto é, a cronologia e a relação entre a forma primitiva e seu derivado morfológico ou semântico" (15:6).

Ao se comparar estas definições de Etimologia com a definição de Semântica, vê-se logo de início que há uma diferença considerável entre ambas.

O estudo da significação das palavras (Semântica) não é o estudo da formação e mutação das palavras (Etimologia). A formação e a mutação das palavras implicam em uma evolução **ortográfica**, por exemplo, pela qual a Semântica não se interessa. De imediato se verificam objetos diferentes em ambas, embora exista uma relação entre elas. No que se refere à **Semântica** (como já vimos na seção 2), **Adolf Noreen** distinguiu o estudo descritivo (**sincrônico**) do significado e o estudo etimológico (**diacrônico**) do significado. Há coincidência com a definição de Saussure acima, embora já tenhamos visto na definição (iii) que a evolução da significação da palavra é apenas uma parte da Etimologia.

O principal argumento que distingue a Semântica da Etimologia é que a primeira, como ela é considerada

modernamente de acordo com os conceitos apresentados na seção 2, 3 e 4, é **essencialmente sincrônica**, o que não ocorre com a segunda.

Por conseguinte, fica **caracterizada** a distinção entre a Etimologia e a Semântica, fato que não **justifica**, de forma alguma, a subordinação da segunda a "regras etimológicas gerais".

Assim, chegamos à Semântica propriamente dita.

Logo de início, temos:

801.541.2	Semântica. Mutação semântica
801.541.201	Regras gerais

Estas regras gerais da mutação semântica são **aceitáveis** quando pensamos que regras gerais devem ser estabelecidas para explicar o funcionamento semântico da língua, o que inclui mutações. Um documento que trate de mudanças das palavras do ponto de vista semântico aí será **classificado**, desde que não se refira a estas mudanças do ponto de vista histórico, ou diacrônico, pois essa é a área da Etimologia.

Em seguida, temos:

801.541.21	Significado comum e ocasional
.22	Isolamento
.23	Reação contra o isolamento. Analogia
.24	Contaminação. Contaminação semântica. Etimologia popular.
.25	Formas de mutação semântica
.250.1	Mutação semântica em geral

A maior parte da literatura sobre Semântica **focaliza** aspectos de uma teoria que contribui para gerar frases **corretas** (**Chomsky**). Somente Pierre **Guiraud** (16:56) e Roger **Ledent** (19:93) mencionam um aspecto menos teórico: as formas e as causas das mudanças de significação das palavras. Entre os termos da Classe 8 mencionados acima, Guiraud se refere somente a analogia e a contaminação. Ledent nem as menciona. Nada encontramos sobre Significado comum e ocasional, sobre Isolamento e sobre Reação contra o isolamento. Por este motivo, preferimos deixar esta questão em suspenso, supondo apenas que poderão ser ideias não mais tratadas nos documentos modernos,

A seguir, **temos**:

801.541.251	Metáfora
.525	Metonímia
.254	Lítotes
.256	Sinédoque
.258	Pleonasmo
.259	Outras figuras; <b>anacoluto</b> , <b>elipse</b> , <b>silépse</b>

Ora, esses termos são o que se chama "**figuras**", o que aliás está **confirmado** em .259 — Outras figuras.

Tanto o **Dictionnaire de Linguistique Larousse** (7:214)

## A SEMÂNTICA E A CLASSIFICAÇÃO DECIMAL UNIVERSAL

como Pierre Guiraud (16:42) incluem essas figuras no campo da Retórica, de acordo com as seguintes divisões:

- figuras de significação: metonímia, **metáfora**, **sinédoque**
- figuras de **expressão**: **lítótes**
- figuras de construção: elipse, pleonasma.

Pleonasma e elipse merecem uma observação:

"O pleonasma . . . é uma transformação de adição que, não modificando o sentido da frase inicial, nada acrescenta do ponto de vista qualitativo" (7:380). "Elipse é a omissão de um termo que o contexto ou a situação permitem facilmente suprir" (7:439). Se não há mudança de significação no pleonasma, e tampouco na elipse, por que estão em .25 — Formas de mutação semântica?

Quanto a **anacoluto** (mudança de construção **sintática** no meio do enunciado) e **silepse** (concordância de número e de gênero que se faz não com a forma gramatical das palavras mas com sua significação), são figuras de sintaxe (6:446) que tampouco nada têm a ver com mutação semântica.

Naturalmente, não queremos dizer que não há implicações referentes à significação nas figuras, já que a significação das palavras (e esta é a importância da Semântica) está ligada a diversos processos linguísticos; não é por isso, entretanto, que qualquer disciplina que lide com significação (etimologia, retórica, estilística, psicologia, sociologia, etc.) deva pertencer à Semântica, que cada vez mais estabeleceu os limites de seu campo de estudos, como foi visto nas seções 2 e 3 deste trabalho.

De qualquer forma, a Retórica é o campo mais apropriado para as figuras, uma vez que elas "são os diversos aspectos que as diferentes expressões do pensamento podem assumir num discurso" (7:214).

### 6. CONCLUSÃO

A primeira conclusão que pode ser extraída do presente estudo é que a CDU não acompanhou o **desenvolvimento** da Linguística. Se considerarmos esse desenvolvimento apenas a **partir** do período em que se iniciou o domínio da linguística estrutural (Bloomfield, 1933) (21:159), já podemos dizer que o atraso da CDU é de mais de quarenta anos. Entretanto, cônica deste problema, a FID/CCC vem desenvolvendo um Programa drástico de modernização da CDU, dentro do qual já existe o esboço do que será a Classe 81 — Linguística (10). Neste esboço, a Semântica ocupa um primeiro nível hierárquico dentro de "Teoria e Metodologia da linguística", paralelamente a Fonética, Ortografia e Lexicologia.

Por outro lado, conforme os conceitos aqui apresentados, pode-se propor uma série de termos extraídos dos textos dos documentos atuais sobre Semântica, a saber:

Semântica. Teoria

Elementos de estudos semânticos

signo linguístico  
significado, conceito  
**significante**, imagem acústica  
significação; sentido, **intensão**; referência,  
extensão; imagem associada  
conotação  
denotação  
símbolo  
**polissemia**  
**sinonímia**  
componente semântico, **diferenciador** semântico,  
categoria semântica, **semema**, plerema  
**sema**, traço semântico, figura de conteúdo  
campo semântico, campo linguístico

Pesquisa em Semântica

análise **distribucional**  
análise **componencial**, sêmica, em fatores  
semânticos  
análise etimológica  
análise estatística  
análise combinatória

### 7. BIBLIOGRAFIA

- 1 - BARBOSA, Alice Príncipe - *Teoria e prática dos sistemas de classificação*. Rio de Janeiro, **IBBD**, 1969, 441p.
- 2 — CABRAL, Leonor Scliar — *Introdução à linguística*. Porto Alegre, Globo, 1973. 226p.
- 3 — CÂMARA JR., Joaquim Mattoso — *Princípios de linguística geral*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1970. 333p.
- 4 - CERDÁ MASSÓ, Ramón — *Linguística hoy*. Barcelona, Editorial Teide, 1969. 160p.
- 5 — COYAUD, Maurice — *Linguistique et documentation*. Paris, Larousse, 1972. 173p. (Langue et langage)
- 6 — CUNHA, Celso - *Gramática do português contemporâneo*. Belo Horizonte, Bernardo Alvares, 1970. 510p.
- 7 - DUBOIS, Jean et alli — *Dictionnaire de linguistique*. Paris, Larousse, 1973. 516p.

- 8 - DUCROT, Oswald & TODOROV, Tzvetan - *Dictionnaire encyclopédique des sciences du langage*. Paris, Editions du Seuil, 1972. 470p.
- 9 - FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE DOCUMENTAÇÃO - Classificação Decimal Universal. Edição desenvolvida em língua portuguesa — 8 — Filologia e literatura. Rio de Janeiro, IBBD; Lisboa, Centro de Documentação Científica, 1975. 56p. (Publ. FID, 342)
- 10 - FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE DOCUMENTAÇÃO. Comissão Central de Classificação — UDC drastic development for modernization and simplification. La Haye, 1975. 42f. (Circular C75-23, 30 August 1975)
- 11 - FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda - *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975. 1517p.
- 12 — GARDIN, Jean Claude — Analyse documentaire et analyse structurale en archéologie. *Langages* (35):82-86, Sept. 1974.
- 13 - GREIMAS, Algirdas Jules - *Sémantique structurale*. Paris, Larousse, 1966. 262p. (Langue et langage)
- 14 - GUIRAUD, Pierre - *L'étymologie*. Paris, Presses Universitaires de France, 1967. 125p. (Que sais-je? 1122)
- 15 - GUIRAUD, Pierre - *A semântica*. Trad. e adapt. de Maria Elisa Mascarenhas. São Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1972. 139p.
- 16 - GUIRAUD, Pierre - *La sémantique*. 7. ed. Paris, Presses Universitaires de France, 1972. 128p. (Que sais-je? 655)
- 17 - KATZ, Chaim Samuel & DORIA, Francisco António — *Dicionário crítico de comunicação*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1971. 321p.
- 18 - LÁZARO CARRETER, Fernando — *Dicionário de términos filológicos*. 3. ed. corr. Madrid, Gredos, 1968. 443p.
- 19 — LEDENT, Roger — *Comprendre la sémantique*. Verviers, Marabout, 1974. 221p.
- 20 — LYONS, John — *Introducción en la lingüística teórica*. 1. ed. Trad. Ramon Cerda. Barcelona, Editorial Teide, 1973. 532p.
- 21 - MACLAY, Howard - *Semantics; an interdisciplinary reader*. In: *Philosophy, Linguistics and Psychology*. Cambridge, Mass., University Press, 1971. p. 157-182.
- 22 - MAROUZEAU, Jules — *Lexique de la terminologie linguistique*. Paris, Paul Geuthner, 1951. 268p.
- 23 - MOUNIN, Georges - *Clefs pour la linguistique*. Paris, Seghers, 1968. 191p.
- 24 — MOUNIN, Georges — *Clefs pour la sémantique*. Paris, Seghers, 1972. 268p.
- 25 — OLIVEIRA, Lourenço de — A fala e a língua. *Kriterion*, 9 (43-44):117-160, 1958.
- 26 — RIBEIRO, Laís Aparecida - Aplicação dos métodos estatísticos e da teoria da informação e da comunicação na análise linguística. *Ciência da Informação*, IBBD, 3 (2):151-154, 1974.
- 27 - SAUSSURE, Ferdinand de - *Cours de linguistique générale*. Paris, Payot, 1964. 331p.
- 28 — SCHAFF, Adam — *Introdução à semântica*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968. 378p.
- 29 - TODOROV, Tzvetan - *Recherches sémantiques*. *Langages*, 1:5-43, mar. 1966.
- 30 - TODOROV, Tzvetan et alli - *Semiologia e linguística*. Seleção de ensaios da revista "Communications". 2. ed. Petrópolis, Vozes, 1972. 219p.

**ABSTRACT**

*Semantics has reached such a development that an adequate bibliographic classification is needed to the organisation of documents devoted to it. Several concepts are given in order to identify terms that could be included in such a classification. Analysis of terms related to Semantics in the UDC Full Edition of Class 8 in Portuguese shows many errors. It can be concluded that UDC has not followed the progress in linguistics research.*